



Onde está a velha arena?

COMPARADO AO ANTIGO CIRCUITO, O ATUAL TRAÇADO EXPLICA A MONOTONIA DAS PROVAS DA ATUALIDADE

O nome Interlagos está de tal maneira ligado à história do automobilismo brasileiro que a denominação "Autódromo José Carlos Pace" não pega, apesar da forte imagem do meu saudoso amigo e companheiro, o heróico e talentoso Moco, como era chamado.

Por razões pessoais, há muito tempo deixei de frequentar o autódromo. Mas, ao aceitar o convite do amigo Renato Martins para assistir a uma prova de Fórmula Truck, preparei-me psicologicamente para o encontro com aquela arena onde passei grande parte da minha vida.

MERGULHOS NA RAMPA Ao chegar ao estacionamento atrás dos boxes, desço do carro e tento me localizar. Está tudo mudado. Tento identificar o que sobrou das desafiadoras curvas 1 e 2, que com seus misteriosos caprichos separavam os pilotos. Poucos eram os que conseguiam fazê-las com o pé embaixo. Chegávamos nelas com velocidade quase máxima. Com a adrenalina explodindo e o joelho da perna direita querendo dobrar, ali era o "pulo do gato". Meu olhar se move na direção da grande reta e consigo identificar no final a curva 3. Nossa! Que saudade dos mergulhos naquela rampa inclinada onde os bons pilotos iniciavam a freada na placa dos 100 metros, enquanto outros poucos bons de curva de alta iam até o limite do limite, passavam dos 50 e chegavam até o início da curva. Era incrível. Entre os melhores, cada um tinha sua marca e seu estilo.

Continuando minha contemplação, identifico a ferradura e em seguida a subida do lago. Quase não consigo acreditar que ali está o fim da reta. Mas como? A reta oposta, que antes era a subida, agora é descida. E muito mais curta... Ao longe, identifico as ruínas da curva do Sol e me lembro de que em dias especiais e de grande disposição era possível contorná-la de pé embaixo, mergulhando na mais longa e fantás-

tica derrapagem controlada do autódromo. Era uma manobra que exigia muita concentração, e a sensação era que não ia terminar nunca. Era o ponto de difíceis e espetaculares ultrapassagens. Lembrei-me de tantas vezes que ali entrei lado a lado com feras. Parecia estar sentindo o cheiro de borracha queimada dos pneus escorregando em suave pêndulo enquanto cuidava para não bater no rival. Que duelos! Quero continuar minha volta, mas me dou conta de que o estacionamento onde estou fica ao lado da curva do Sargento. Praticamente sobre ela. Aqui começava a parte mista do circuito.

Junto com uma lágrima quente que escorria pelo meu rosto, caiu a ficha: é por isso que não gosto mais de vir aqui. Acabaram-se os desafios. Não existem mais as curvas de alta em Interlagos. Que mutilação desastrosa. Imagino os mais velozes pilotos de hoje como águias de asas cortadas que não podem mais voar alto. Em nome da pseudo-segurança dos pilotos, o circuito foi travado. Só restam as curvas de baixa, as preferidas por aqueles que correm apenas para se divertir. A eliminação das de alta, aquelas em que os "botas" (pilotos rápidos) escapavam dos "laranjas" (os mais lentos), termina por nivelar a todos. E esse resultado melancólico se repete na maioria dos autódromos do mundo, promovendo o monótono trenzinho em que se transformaram as principais categorias do automobilismo.

Choro pela destruição do palco principal em que os mais competentes proporcionavam ao público um show que não mais será visto. E que só Interlagos poderia oferecer.

Reconheço que o autódromo está majestoso, mas as mudanças do circuito contemplaram interesses incompatíveis com a idéia de que o esporte precisa refletir o desempenho da capacitação humana. A mutilação de um dos melhores circuitos do mundo aconteceu em prejuízo do talento e da ousadia dos melhores pilotos. E principalmente do espetáculo. **QR**